



enquanto uma ciência não positivista e metodológica. Então o presente trabalho tem o intuito de trazer uma reflexão de como a psicanálise se dá dentro do campo das ciências.

METODOLOGIA

A metodologia utilizada baseia-se no método de pesquisa bibliográfica como trabalhado por Fonseca (2002), uma pesquisa bibliográfica pode ser definida por um levantamento de referências teóricas já analisadas e publicadas em livros, revistas, artigos acadêmicos e web sites, sendo esses meios utilizados para o desenvolvimento do seguinte trabalho. Também foi utilizada a consultoria com professores experientes nos pensamentos sobre ciência e psicanálise. Assim analisando a validade da psicanálise no campo das ciências.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A psicanálise tem encontrado uma série de condenações quanto à sua eficácia e seu teor investigativo por um grupo de estudiosos os quais defendem princípios de cientificidade, segundo os escritos de Sven Ove Hansson, citados no artigo de Ferreira em 2021. Nesse sentido, deve-se pensar, inicialmente, o que é ciência no século XXI e qual o seu papel na sociedade?

Para responder à pergunta anterior, Oliveira (2022) define que se deve observar como a Filosofia, a História e a Antropologia olham para as ciências. Diversos autores tais como Aristóteles, Platão, Bacon, Quine, etc. Deram-se ao trabalho de explicar ou trazer seus conceitos de ciência, construindo assim um emaranhado de teorias que são utilizadas para defini-la.

Então pode-se considerar que a ciência perpassa a barreira do empirismo em diversos momentos. Segundo Willard Quine em seu artigo “Dois Dogmas do Empirismo” (Quine Willard; apud; Lindemman, 2016), a ciência é uma teoria, essa que explica o mundo de maneira que lhe é possível, explica a natureza, os sujeitos, os laços sociais e a história do mundo. O autor divaga entre verdade e gramática na tentativa de expor o conceito de ciência, sem que de fato seja necessário a passagem por um teste empírico. Isso só é possível porque a ciência se articula em uma imagem do real, sem que haja a necessidade de passar por inúmeros testes e afins, pois a ciência também está no campo da linguagem. Quine chama este efeito de caráter holístico das teorias científicas, logo nem todas as proposições da ciência confrontam a experiência. Então, apenas uma pequena parcela daquilo que é científico pode ser testado empiricamente e isso não torna uma teoria mais ou menos científica.



A partir dessa análise podem ser respondidas algumas das questões que concernem a crítica de Ferreira. Oliveira (2022) conceitua que outras ciências da natureza e da linguagem não conseguem ser testadas de forma empírica em sua totalidade, ou seja, uma teoria tem diversos critérios para validar-se como ciência, o seu critério principal não é replicabilidade ou testagem de suas proposições. Logo, evidências empíricas não podem servir de divisor de águas entre o que é científico e o que não é. A ciência, como dito acima, é um emaranhado de conceitos. Assim, basear-se em um ou dois teóricos para explicitar um conceito amplo, revela que os critérios foram escolhidos a dedo, logo não cumpre com seus próprios pressupostos, então não pode ser considerada uma avaliação plenamente científica.

Assim, podemos pensar a psicanálise a partir da perspectiva teórica que tem enfoque clínico, logo os resultados não podem ser replicados, pois a experiência e linguagem dos sujeitos é subjetiva. Segundo Oliveira (2022), o que a psicanálise pressupõe é que existem conflitos estruturais com as pessoas com as quais se convive durante a vida. Essas conflitivas são parte de uma construção subjetiva que constitui os sujeitos. Tal constatação retoma o critério da psicanálise, de adequação à experiência singular do paciente e não a correspondência com uma realidade objetiva. Esse pressuposto evidencia que a teoria visa estudar como o paciente lida com os acontecimentos de sua vida psíquica e o que faz a respeito de seu próprio desejo, não pretendendo uma identificação de cada conceito que a teoria se propõe, até porque os conceitos foram sendo atualizados e desenvolvidos ao longo do tempo. É a partir da realidade e experiência de ouvir e entender a constituição psíquica que a teoria psicanalítica é construída.

Percebe-se que quando a psicanálise é colocada à prova, não se debate ciência, mas sim aquilo que o crítico julga que a teoria não pode fornecer. Esse discurso muitas vezes é pautado por teóricos de outras áreas, tais como psiquiatria ou da própria psicologia, que utiliza outras formas de terapia e teorias, tais como, terapias comportamentais, neurocientíficas ou ainda do campo da espiritualidade. O que se observa é que as críticas são baseadas no conhecimento de uma área específica, não levando em conta a lógica filosófica ou histórica. Assim as críticas se baseiam na “verdade” de uma teoria específica, nesse sentido tende a deslegitimar a psicanálise, pois não cumpre com os pressupostos de cientificidade genéricos. Sendo possível observar que essa lógica reducionista, que não leva em conta a subjetividade do sujeito, conduz a uma lógica mercadológica que prioriza tratamentos medicamentosos, uma



demanda capitalista que busca a venda de fármacos e encaminha o fim dos tratamentos em psicoterapia. (Dunker; Lanini, 2023)

Que fique claro de uma vez por todas: não existe uma teoria científica da ciência. O cientista faz ciência; quem produz teorias sobre o fazer científico são epistemólogos, antropólogos, historiadores, filósofos e assim por diante. Quando um cientista julga a cientificidade de um campo que ele desconhece, não emite um juízo científico, mas, sim, um juízo ideológico. (Lacan 1965 apud Dunker; Lanini, p 264, 2023)

Tendo em vista estas considerações, pode-se trazer a própria visão da psicanálise em relação à ciência. Dunker e Lanini (2023) trazem as ideias de Lacan, as quais pressupõe que a ciência e suas exigências que remetem ao “Discurso do Método” de Descartes e de toda sua epistemologia, vem tirando o sujeito de cena, como se excluísse o subjetivo e singular da humanidade, diferentemente da psicanálise que acolhe o sujeito em sofrimento. Então Lacan formula “Dizer que o sujeito sobre quem operamos em psicanálise só pode ser o sujeito da ciência, talvez passe por um paradoxo”. (1965/1998 apud Dunker; Lanini, p 267, 2023) Então o sujeito sem qualidade própria, sem sua subjetividade, com o qual a ciência metodológica pretende trabalhar, não é o alvo da teoria psicanalítica, logo a tese psicanalítica é uma revolução à noção científica moderna, fazendo conceber um universo infinito e não programático com o qual os sujeitos são complexos e subjetivos.

Pensando essa ideia como uma revolução, Dunker e Lanini (2023) utilizam de Lacan para conceituar que não se deve submeter a psicanálise a uma cientificidade de outra disciplina-piloto, mas sim se perguntar: O que é uma ciência que inclua a psicanálise?

A teoria psicanalítica nasceu em meio à ciência moderna, logo trabalha com esse sujeito que crê no cientificismo, mas não se coloca em posição de trabalhar com a lógica do método e do sistema neoliberal, que prega que tudo deve ser calculado ou matematizado, como se a instância do simbólico pudesse explicitar tudo aquilo que está na instância do real. Isso é algo que a psicanálise não se coloca a explicitar, mas sim se preocupa em trabalhar com aquilo que escapa inexoravelmente a essa redução, do ponto onde o sujeito realmente fala, da ordem imaginária, da falta conjectural que movimenta a sociedade atrás de um cientificismo mascarado de cientificidade.

É possível constatar que tais críticas ao fazer científico da psicanálise não são atuais, mas sim uma discussão com a qual Freud já trabalhava desde os primórdios da psicanálise. Segundo Dunker e Lanini (2023), Lacan critica o pensamento da cientificidade analógica,



porém usa de recursos estruturais, matemas, topologias e a teoria dos nós. Essa estratégia permite uma entrada no método e modelo científico. Mas, mesmo aproximando-se da cientificidade, ele constata que a psicanálise é uma ciência êxtima, ou seja, uma ciência na borda da cientificidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É preciso notar que a psicanálise é uma teoria que se baseia em conceitos que fogem à lógica normativa e esquematizada, assim não se constitui como ciência e nem como pseudociência. Não se compromete com a ciência atual. Na realidade convoca a ciência a uma revolução, que traga a subjetividade dos sujeitos à tona. Enquanto essa revolução não ocorre, a psicanálise pode ser dita como ciência êxtima, ligada à ciência, trabalhando com seus termos, mas não com seu método discursivo que deixa de lado a subjetividade dos sujeitos, ou seja, uma ciência da subjetividade e da linguagem que eleva a relação dos sujeitos a um patamar subjetivo e único. Logo essas condenações não causaram o fim da psicanálise ou sua instauração como pseudociência. Então, pode-se dizer que, como Dunker e Lanini (2023) trabalham na última página de seu livro, “Não é a ciência que vai salvar o futuro da psicanálise [...], mas o que garantirá isso é sua capacidade de se reinventar cada vez que um paciente fala”.

Palavras-chave: Psicanálise. Ciência. Lacan. Cientificismo. Pseudociência.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DUNKER Christian I. L; IANNINI Gilson de Paulo M. Ciência pouca é bobagem. Porque a psicanálise não é pseudociência. São Paulo, Ubu, 2023, 292 págs.

FERREIRA Clarice M. C - Será a psicanálise uma pseudociência? Reavaliando a doutrina utilizando uma lista de multicritérios. Debates em Psiquiatria, Rio de Janeiro, 2021; pp.1-33

OLIVEIRA Érico A. M - Por que a psicanálise não é uma pseudociência? Sobre as novas bases epistemológicas da psicanálise. Debates em Psiquiatria, Rio de Janeiro, 2022; pp.1-19.

LINDEMANN John L. Os argumentos de Quine em “Dois Dogmas do Empirismo”. Universidade Estadual de Maringá, 2016; pp. 1-14.

FONSECA, J. J. S. Metodologia da pesquisa científica. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila; p 31.